

★ MUTIRÃO ★ *TecnoClima*

➤ Rumo à COP 30 ➤

*Unindo vozes para navegar pelas águas
da tecnologia climática brasileira*



Instituto
de Tecnologia
& Sociedade
do Rio



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES



Sumário

[clique para ser redirecionado](#)

Resumo Executivo	2
Abertura	3
Painel I – Tecnoclima na Prática	7
Painel II – Tecnologia e Clima	10
Painel III – Tecnologia aplicada às comunidades tradicionais	13
Painel IV – Desafios e estratégias da sociedade civil	17
Dinâmica Aquário	21

Resumo Executivo

Este relatório apresenta as principais discussões e resultados do Mutirão Tecnoclima rumo à COP 30: navegando pelas águas da tecnologia climática brasileira, realizado em Belém (PA), em 29 de maio de 2025. O encontro reuniu acadêmicos, gestores públicos, formuladores de políticas, especialistas, representantes do terceiro setor, desenvolvedores, startups e lideranças tradicionais para debater o papel da tecnologia no enfrentamento das mudanças climáticas no Brasil e na preparação para a COP 30.

O evento promoveu o fortalecimento de parcerias estratégicas e o compartilhamento de soluções tecnológicas emergentes aplicadas ao contexto amazônico e nacional. Entre os destaques estiveram o debate sobre soluções para comunidades tradicionais, o papel das startups na inovação climática e a importância do engajamento social na construção de políticas tecnológicas inclusivas.

Abertura

Tema

O papel da tecnologia climática na agenda da COP

Participantes

- *Pedro Ivo Ferraz da Silva – Ministério das Relações Exteriores (MRE)*
- *Arianne Mendonça – Prefeitura de Belém*
- *Marianna Budaragina – Tony Blair Institute*
- *Leonildes Nazar (Instituto Clima e Sociedade)*
- *Moderação: Celina Bottino (ITS Rio)*

Pontos de destaque

Tecnologia como eixo de implementação da COP30

O Ministério das Relações Exteriores posiciona a tecnologia climática como prioridade estratégica para 2025, considerando-a elemento central para viabilizar a transição energética, a adaptação territorial e o fortalecimento da governança climática. O embaixador André Corrêa do Lago tem reforçado que a COP30 será a “COP da implementação”, demandando soluções concretas e escaláveis. Tradicionalmente desconectados, os setores de tecnologia e de mudanças climáticas começam a dialogar no Brasil por meio de eventos e iniciativas diplomáticas, como fóruns no G20 e BRICS.

Soluções tecnológicas locais com impacto global na ação climática

Iniciativas brasileiras vêm demonstrando como a inteligência artificial e as geotecnologias podem ser aliadas estratégicas na gestão ambiental e na ação climática. Em Belém, a criação de um inventário florestal, georreferenciamento, é exemplo de como tecnologias emergentes podem responder a demandas locais urgentes, como a queda de árvores em áreas urbanas. No Brasil a aplicação dessas ferramentas se estende a áreas como licenciamento ambiental, previsão de eventos

climáticos extremos e antecipação de focos de desmatamento. As soluções locais podem ser oferecidas para o âmbito internacional e reforçam o protagonismo do Brasil como formulador de soluções climáticas baseadas em evidências e ampliam a convergência entre inovação digital e ação territorial.

Formulação de políticas públicas de tecnologia para clima

O uso estratégico da tecnologia a ação climática deve estar orientado à formulação de políticas públicas que respondam às realidades locais e promovam justiça socioambiental. Para isso, é essencial integrar dados climáticos e socioeconômicos, conectando tecnologias emergentes às prioridades nacionais e territoriais. O Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), lançado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, reforça essa visão ao estabelecer diretrizes para o uso ético e sustentável da IA, incluindo aplicações em meio ambiente e clima.

Inclusão de saberes locais como chave para inovação climática

A integração do conhecimento indígena, periférico e comunitário aos processos de inovação tecnológica foi apontada como essencial para soluções climáticas mais justas e eficazes. Essa aproximação, no entanto, exige esforço deliberado de inclusão nos planos de ação governamentais e o fortalecimento de canais de escuta entre comunidades locais e atores tecnológicos. Ainda são necessários modelos, metodologias e práticas bem-sucedidas de diálogo facilitado para identificar, junto às comunidades, onde e como as tecnologias podem ser aplicadas com relevância local.

Capacidades, justiça climática e o protagonismo do Sul Global

Com 85% da população mundial localizada no Sul Global, é essencial que essa maioria seja reconhecida como provedora — e não apenas consumidora — de soluções tecnológicas. Capacitação, descentralização de dados e infraestrutura, e combate a vieses estruturais, são pilares para que países em desenvolvimento se tornem protagonistas na governança digital e na inovação climática.

Financiamento multissetorial como pilar da implementação climática

Em um cenário internacional marcado pela crescente destinação de recursos para agendas de defesa e segurança, torna-se urgente

reposicionar o clima como prioridade global. A construção de um ecossistema de inovação climática depende da mobilização de esforços multissetoriais que combinem infraestrutura digital, tecnológica, financeira e, sobretudo, de capacitação técnica. Sem investimentos estratégicos em formação e capacidades locais, não é possível garantir a implementação efetiva de políticas climáticas em níveis local, nacional e internacional. Iniciativas como as promovidas pelo Instituto Clima e Sociedade (iCS), em articulação com o setor filantrópico, público e privado, ilustram como é possível estruturar um mutirão colaborativo de financiamento climático, com foco na ação e na transformação sistêmica.

Cases e assuntos compartilhados

Edital “Desafio IA Natureza & Clima”

O iCS com apoio do Google.org e suporte técnico do ITS Rio, lançaram o edital que busca apoiar soluções tecnológicas que aliem Inteligência Artificial à proteção ambiental no Brasil. O edital fomenta o desenvolvimento de novos usos de tecnologias digitais aplicadas à agricultura regenerativa, bioeconomia e reversão da perda de biodiversidade, com foco na mitigação de emissões de gases de efeito estufa e na promoção de ecossistemas mais resilientes.

Cartas da Presidência Brasileira da COP 30

O Mutirão Global busca mobilizar a humanidade em sua transição para o futuro, apoiado por uma moldura global capaz de integrar ações locais. A inteligência artificial foi destacada, ao lado da infraestrutura pública digital e de outras tecnologias digitais, como um dos objetivos transversais da conferência.

Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA)

Iniciativa que promete transformar o Brasil em referência mundial em desenvolvimento e uso de Inteligência Artificial (IA). O PBIA apresenta cinco eixos estratégicos e prevê 54 ações concretas para impulsionar a inovação tecnológica no país, sempre com foco na inclusão social e sustentabilidade.

Tecnodiversidade

O ITS Rio está criando e promovendo uma rede global para desafiar a narrativa global dominante que vê a tecnologia como uma força universalmente aplicável. Utilizando a tecnodiversidade como catalisador filosófico, busca explorar formas multifacetadas de pensar sobre diferentes tecnologias a partir dos diversos contextos socioculturais.

Aspas selecionadas

“Pensar o global e para pensar o local é super importante.” –

*Arianne Mendonça, Secretaria de Meio Ambiente e Clima,
Prefeitura de Belém*

***“Tecnologia são ferramentas, são infraestruturas, mas são,
enquanto premissa, sobre pessoas em primeiro lugar.”***

Leonildes Nazar, Instituto Clima e Sociedade

***“Ainda é difícil conectar os objetivos dos governos com as
soluções tecnológicas disponíveis. Precisamos facilitar esse
diálogo.”*** Marianna Budaragina, Tony Blair Institute

***“Essa é uma COP da implementação. Agora é o momento de
aplicar soluções e dar escala. E a tecnologia tem papel
central.”*** Pedro Ivo Ferraz da Silva, Ministério das Relações
Exteriores do Brasil

***“A gente precisa aliar a tecnologia aos saberes locais. A
tecnologia não pode ser pensada só pelos mesmos atores de
sempre.”*** Celina Bottino, Instituto de Tecnologia e Sociedade do
Rio de Janeiro

Painel I – Tecnoclima na Prática

Tema

Iniciativas tecnológicas em desenvolvimento no Brasil e na Amazônia Legal

Participantes

- Renata Batista – Sebrae-PA
- Renato Cortez – StartUP Pará
- Prof. Dr. João Crisóstomo Weyl A. Costa – PCT Guamá (UFPA)
- Marco Antonio Giagio – Certi Amazônia
- Moderação: Maria Coelho – StartUP Pará

Pontos de Destaque

Incubação como alavanca para um ecossistema de inovação sustentável na Amazônia

A criação e o fortalecimento de incubadoras têm sido estratégicos para consolidar um ecossistema de inovação voltado às realidades e potencialidades da Amazônia. Iniciativas como a StartUP Pará, Parque de Ciência e Tecnologia Guamá (PCT Guamá) e incubadora do Sebrae demonstram como a incubação de projetos pode gerar soluções sustentáveis, inclusivas e conectadas ao território amazônico. Essas estruturas não apenas impulsionam startups, promovem redes de colaboração entre universidades, governos, empresas e comunidades, criando um ambiente propício à inovação climática.

Bioeconomia como caminho para inovação

A bioeconomia foi destacada como eixo estruturante para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, articulando inovação tecnológica, conservação ambiental e inclusão produtiva. Destacou-se a

importância de criar ações de incubação e laboratórios de bioeconomia para conectar pesquisa aplicada, empreendedorismo e saberes tradicionais, promovendo soluções alinhadas às realidades locais.

Conexão entre pesquisa, negócios e território para inovação climática

A integração entre projetos acadêmicos, modelagem de negócios e aceleração de startups e deeptechs tem se mostrado essencial para transformar conhecimento científico em soluções concretas para os desafios climáticos. Ao promover a aproximação entre universidades, empreendedores e territórios, essa articulação fortalece cadeias de valor sustentáveis, estimula a geração de tecnologias aplicadas e amplia o alcance de iniciativas voltadas à mitigação e adaptação às mudanças do clima.

Importância de soluções tecnológicas simples, replicáveis e adaptadas ao território

Foi destacado que a inovação tecnológica precisa ser centrada no contexto amazônico, com soluções de fácil uso, linguagem acessível e resposta real às condições logísticas e socioeconômicas da região. A rastreabilidade com uso de celular offline e a adaptação de tecnologias para agroindústrias comunitárias foram citadas como exemplos de aplicação direta e inclusiva.

Cases e assuntos compartilhados

Programa BioEmpreende (Sebrae-PA)

Seleciona projetos acadêmicos ligados à bioeconomia, oferecendo mentoria com empresas e capacitação em modelagem de negócios. Os projetos ganham estrutura para migrar da universidade ao mercado, criando uma ponte entre ciência, empreendedorismo e sustentabilidade.

Plataforma Floresta Digital (Certi Amazônia)

A plataforma digital da floresta é um completo sistema informatizado em desenvolvimento, que conecta atores das cadeias produtivas visando fortalecer e valorizar a biodiversidade amazônica, mantendo a floresta em pé.

StartUP Pará

Iniciativa de incubação e aceleração de startups da região Norte do Brasil, tem desempenhado um papel estratégico no fortalecimento do ecossistema de inovação amazônico, estimulando ideias com potencial socioambiental.

PCT Guamá

Primeiro parque tecnológico da região Norte em Belém com articulação entre Governo do Pará, UFPA, UFRA e Fundação Guamá. O parque abriga laboratórios de ponta que desenvolvem pesquisa aplicada em genética, bioeconomia e eficiência energética. E funciona como incubadora de empresas de base tecnológica.

Aspas Selecionadas

“A gente acredita que a inovação precisa estar onde as pessoas estão. E quando a gente fala de Amazônia, a gente está falando de múltiplas realidades que exigem soluções pensadas a partir do território.” Renata Batista, Sebrae-PA

“Os desafios da Amazônia mudam de acordo com o território. O açaí no Pará é um, no Amazonas é outro. Cada solução tem que entender a Amazônia que representa.” Marco Antonio Giagio, Certi Amazônia

“Nós temos que levar políticas para as comunidades. E isso inclui letramento digital e formação baseada na realidade local.” -João Crisóstomo, Fundação Guamá

“Começamos a ver as ideias se tornarem realidades, por meio de políticas públicas do Estado Pará.” Maria Coelho, StartUP Pará

“Muitas pessoas pensam que o serviço público é um banco, mas pensamos o investimento além, com foco em conhecimento, desenvolvimento, fomento e articulação.” Renato Cortez, StartUP Pará

Painel II – Tecnologia e Clima

Tema

Soluções para o combate e mitigação das mudanças climáticas

Participantes

- *David Tsai – Observatório do Clima*
- *Monique Galvão – Rare*
- *Jorge Gomes – Inpe*
- *Moderação: Wander Mendes – Inpe*

Pontos de destaque

A Tecnologia como aliada e desafio climático

A tecnologia desempenha papel duplo na crise climática: é vetor de impactos negativos – como no desmatamento e nas emissões de carbono –, mas também é central nas soluções de mitigação. Iniciativas de captura de carbono da atmosfera e oceanos já estão em andamento em centros internacionais e exigem adaptação à realidade brasileira.

Dados e produção de informação para políticas pública

A disponibilização de dados ambientais em formatos compreensíveis para gestores, sociedade civil e academia é crucial. O envolvimento direto das comunidades locais na coleta e uso de dados ambientais potencializa a eficácia das políticas.

Oportunidade de Inovação no Brasil com dados climáticos

O Brasil precisa fortalecer seu ecossistema de dados ambientais, garantindo atualização contínua, interoperabilidade entre plataformas e engajamento de diferentes setores (público, privado e acadêmico) na produção e no uso desses dados. Além de garantir que os dados sejam compartilhados de forma acessível e aberto gerando produtos que tenham uma conexão direta com quem usa os dados.

Territorializar e diversificar dados climáticos

A produção e análise de dados sobre mudanças climáticas precisam ser territorializadas e expandidas para além do foco nas florestas. É essencial integrar outros ecossistemas estratégicos, como manguezais e zonas costeiras, muitas vezes negligenciados no debate climático. Além disso, o engajamento das comunidades locais no monitoramento e coleta de dados ambientais fortalece a precisão das informações e cria vínculos entre saber tradicional e ciência.

Casos e Iniciativas Compartilhadas

SEEG (Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa)

Fornece estimativas anuais de emissões de gases de efeito estufa no Brasil para todos os setores da economia, numa plataforma on-line de fácil acesso com dados que vêm desde 1970, além de análises e soluções para tomadores de decisão.

Pesca para sempre (Rare)

A iniciativa da RARE monitora dados sobre águas costeiras, em parceria com as comunidades locais e pesqueiras. Este conjunto de ferramentas e dados ajuda a criar capacidade local, entender e avaliar as pescarias, estabelecer a conexão entre dados ecológicos e produção pesqueira.

Terra Brasilis (Inpe)

O TerraBrasilis é uma plataforma desenvolvida pelo INPE para organização, acesso e uso através de um portal web dos dados geográficos produzidos pelos seus programas de monitoramento ambiental

Adapta Clima (MMA)

A plataforma AdaptaClima sistematiza e disponibiliza, de forma colaborativa, informações e materiais sobre adaptação à mudança do clima.

Aspas selecionadas

“A tecnologia tem um papel desafiador e duplo: ela é uma das grandes responsáveis pelas mudanças climáticas, mas também uma das ferramentas mais potentes para mitigá-las.”

- Wander Mendes, INPE

“Quando falamos em Amazônia, o manguezal é sempre suprimido das conversas. Mas sequestra até quatro vezes mais carbono que a floresta e tem um papel fundamental na biodiversidade.” - Monique Galvão, RARE Brasil

“O SEG nasceu para estimar e divulgar, com frequência anual, as emissões de gases de efeito estufa no Brasil. Hoje, sete estados o reconhecem como referência oficial.” - David Tsai, Observatório do Clima

“A produção de dados precisa ser colaborativa. Não adianta gerar base de dados em formatos técnicos se quem vai usá-los na ponta não entende como.” -Jorge Gomes, INPE

Painel III – Tecnologia aplicada às comunidades tradicionais

Tema

Soluções tecnológicas para povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades tradicionais

Participantes

- Marcos Costa – Ribeirinho (apresentação artística)
- Maiara Abreu - Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará – MALUNGU
- Val Munduruku – Ativista indígena
- Celso Júnior – Ipam
- Ismael Nobre – Instituto Amazônia 4.0

Pontos de destaque

Protagonismo permanente de povos tradicionais na governança climática

A construção de políticas públicas climáticas justas e eficazes exige o engajamento estrutural — e não apenas simbólico ou pontual — das comunidades indígenas, quilombolas e amazônidas. Essas populações devem ocupar um papel central no debate sobre a COP30 e, sobretudo, na formulação de soluções permanentes para a crise climática, incluindo o desenvolvimento de tecnologias e estratégias territoriais baseadas em seus saberes e experiências. O protagonismo desses grupos precisa ultrapassar momentos de visibilidade internacional, como as conferências climáticas, e se consolidar como eixo contínuo de governança ambiental, produção de conhecimento e transformação tecnológica. Valorizar esses saberes, territórios e modos de vida é reconhecer que não há transição justa sem justiça territorial e reparação histórica. Os povos e comunidades tradicionais precisam falar por eles e para eles.

Tecnologia com e para os territórios

A construção de ferramentas tecnológicas deve ser realizada junto às comunidades indígenas, quilombolas e amazônidas, respeitando seus contextos, saberes e prioridades. As tecnologias precisam ser produzidas de forma colaborativa e em cocriação. Quando construídas assim, as tecnologias tendem a ser mais apropriadas pelas populações locais, ampliando sua eficácia e sustentabilidade. No entanto, é fundamental considerar desde o início aspectos de segurança digital, proteção de dados sensíveis, para que essas tecnologias não reproduzam desigualdades ou exponham ainda mais os territórios à vulnerabilidade. Vencer a exclusão tecnológica também.

Tecnologia, sustentabilidade e economia

A construção de modelos econômicos sustentáveis para a Amazônia e outros territórios tradicionais não precisa ser vista como um conflito entre desenvolvimento e sustentabilidade. Inclusive com o apoio da tecnologia, que pode e deve ser uma aliada estratégica na busca por soluções que respeitem o meio ambiente e fortaleçam economias locais.

Inserir os povos e comunidades tradicionais nas legislações de ciência, tecnologia e inovação

Os conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais produzem saberes, construídos coletivamente e transmitidos por gerações, são formas de inovação e devem ser reconhecidas e protegidas. Para isso, é necessário adaptar a legislação nacional, e incentivar a discussão em nível internacional, especialmente no que diz respeito à propriedade intelectual e à repartição de benefícios, incorporando modelos que respeitem a autoria coletiva e os modos próprios de produzir conhecimento. Para pensar em soluções mais justas, sustentáveis e enraizadas na diversidade de seus territórios.

Tecnologia e novos paradigmas para a economia da floresta

Pensar novas formas de economia é, antes de tudo, repensar os paradigmas que historicamente sustentaram a destruição da floresta. A economia da floresta viva deve se contrapor à lógica predatória, promovendo desenvolvimento com base na biodiversidade, nos saberes tradicionais e na valorização dos territórios. As tecnologias emergentes

— como energia solar off-grid, comunicação por satélite, rastreabilidade digital e plataformas inteligentes — viabilizam esse novo modelo de socioeconomia de alto valor agregado, voltado para negócios locais e sustentáveis. Mais do que ferramentas, elas são catalisadoras de uma mudança rápida e necessária no modo como produzimos, consumimos e nos relacionamos com a natureza.

Cases e assuntos compartilhados

Tô no Mapa - Ipam

Aplicativo de celular desenvolvido para que povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares brasileiros realizem o auto mapeamento de seus territórios.

Amazônia 4.0

Desenvolve tecnologias e métodos avançados para transformar insumos amazônicos em produtos de valor agregado, com capacitação do povo local e criar alternativas urgentemente necessárias para o desmatamento.

Bio Tech Quilombo

A integração entre conhecimento quilombola e métodos científicos de ponta – incluindo sensoriamento remoto, sequenciamento de DNA e inteligência artificial – permitirá identificar a presença de espécies da fauna e flora para desenvolver um quadro de monitoramento da biodiversidade liderado pela comunidade.

Aspas selecionadas

"A COP é mais uma COP, mas que não vai ter os amazônidas discutindo as nossas vidas." (..) Enfrentar e superar a exclusão tecnológica é também uma forma de combater o racismo ambiental. Essas discussões precisam chegar ao chão dos nossos territórios — às nossas crianças, aos nossos jovens e aos nossos mais velhos. O conhecimento que temos sobre nossos territórios deve ser reconhecido, valorizado e potencializado." -

Maira Abreu, Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará – MALUNGU

"Qualquer solução de médio e longo prazo para a Amazônia passa, necessariamente, pelos povos indígenas e comunidades tradicionais. São eles que detêm, há gerações, o conhecimento profundo sobre a floresta. Essa mensagem precisa ser levada como prioridade aos tomadores de decisão na COP!"

Ismael Nobre, Instituto Amazônia 4.0

"Nossa linguagem também é tecnologia, e ela vem se transformando. Estamos deixando de ser apenas objetos de estudo para sermos reconhecidos como criadores e colaboradores de novas tecnologias. É fundamental que se tenha um olhar atento para a identidade de cada povo e território, respeitando as regionalidades, linguagens, necessidades e demandas. Unindo tecnologia ancestral e a tecnologia do futuro." Val Munduruku, Ativista indígena

"É fundamental que a ciência seja construída de forma colaborativa. Os povos indígenas e as comunidades tradicionais não devem ser apenas objetos de pesquisa, mas sim reconhecidos como pesquisadores em pé de igualdade. O desenvolvimento de ferramentas tecnológicas também precisa ser feito junto com essas comunidades — quando há participação desde o início, há mais engajamento e as soluções se tornam realmente úteis, porque são pensadas para e com quem vai utilizá-las."

Celso Júnior, Ipam

Painel IV – Desafios e estratégias da sociedade civil

Tema

O papel da sociedade civil na COP 30

Participantes

- *Catarina Nefetari– Nossas: Amazônia em Pé*
- *Lennon Medeiros – Visão Coop*
- *Lucas Nassar – Lab Cidade*
- *Karla Braga – Cojovem*
- *Moderação: Gabriella da Costa - ITS Rio*

Pontos de Destaque

Inteligência coletiva e tecnologias sociais no enfrentamento climático

O fortalecimento de tecnologias sociais, como os mutirões e formas de cooperação tradicionais da América do Sul (ex.: pushirum, minga), foi apontado como essencial para construir soluções climáticas adaptadas às realidades locais. Essas práticas são reconhecidas como instrumentos de mobilização coletiva que articulam saberes comunitários e técnicos, gerando respostas mais resilientes e sustentáveis. Para além do valor simbólico, as tecnologias sociais desempenham papel estratégico e devem ser aliadas das tecnologias digitais na construção de soluções.

Desigualdade na distribuição dos riscos e na capacidade de resposta

O debate evidenciou a profunda desigualdade na distribuição dos impactos das mudanças climáticas e na capacidade de adaptação entre territórios. Regiões periféricas são mais vulneráveis e historicamente excluídas dos processos decisórios e de acesso a tecnologias de mitigação e adaptação. A construção de soluções precisa, portanto, estar ancorada em estratégias que combinem justiça climática, descentralização de recursos e protagonismo das comunidades locais

no planejamento e na execução das ações. Destacou-se ainda que é necessário superar modelos de urbanização e soluções ambientais e tecnológicas importados do Norte Global, muitas vezes inadequados às realidades da Amazônia e outras realidades locais.

Advocacy climático e o protagonismo jovem na construção de políticas públicas

A importância da juventude como agente estratégico na transformação socioambiental foi destacada como eixo central para o fortalecimento das políticas de mitigação e adaptação. As falas reforçam que crianças e jovens ainda são pouco considerados na formulação das políticas territoriais, o que contribui para a descontinuidade e fragilidade das ações de longo prazo. Foi destacado que a pesquisa e o advocacy podem transformar políticas públicas locais e globais.

Incidência política e mobilização social como vetores de transformação climática

A construção de soluções climáticas estruturantes depende de processos de incidência política consistentes e articulados com os territórios. A elaboração de projetos de lei e políticas públicas eficazes requer o envolvimento direto da sociedade civil, com uso de tecnologias e narrativas que aproximem temas complexos da população.

COP na Amazônia: Oportunidade para reposicionar o saber local no debate global

A realização da COP 30 na Amazônia foi analisada como oportunidade estratégica para reposicionar o bioma e seus povos no centro do debate climático global. Contudo, as falas alertaram que o evento não deve ser tratado como “a COP da Amazônia”, mas sim como uma COP global que se realiza na região. A presença da COP no território amazônico deve ser utilizada para destacar o potencial técnico e cultural das soluções locais, construindo pontes entre ciência, saber tradicional e processos multilaterais. O reconhecimento das cidades amazônicas como parte fundamental da agenda de adaptação e mitigação foi apontado como chave para o êxito do encontro.

Casos e Cases Compartilhados

Visão Coop: Mutirão em Queimados (RJ) – Integração de Saber Comunitário e Engenharia

O mutirão realizado em Queimados rompeu um ciclo de 10 anos de enchentes na cidade, a partir da escuta das moradoras e moradores e da adaptação das soluções às características locais. O processo serviu como referência para outras regiões, ainda que os desafios de replicação — como no caso de Recife, onde diferenças no contexto urbano e climático inviabilizaram o sucesso imediato — reforcem a importância do diagnóstico prévio e da adaptação ao território.

Laboratório da Cidade - Colaboração para repensar o espaço urbano

O LabCidade, sediado em Belém, tem projetos focados em pensar cidades mais sustentáveis, democráticas e resilientes.

Instituto Cojovem – Juventudes na Construção de Políticas Climáticas

O advocacy juvenil, articulado por organizações como o Instituto Cojovem, tem se mostrado fundamental para incluir novos atores no processo decisório e garantir soluções mais duradouras e conectadas à realidade local. Com atuações na mudança de políticas públicas no Estado do Pará.

Amazônia de Pé – Incidência Popular pela Proteção das Florestas Públicas

Originada dentro da organização Nossas, a campanha Amazônia de Pé propõe um modelo de incidência política que combina mobilização cidadã, uso estratégico de tecnologias digitais e construção coletiva de propostas legislativas. A principal iniciativa do projeto é um Projeto de Lei de Iniciativa Popular voltado à proteção de florestas públicas não destinadas na Amazônia brasileira.

Aspas selecionadas

“As comunidades e sociedades tradicionais da Amazônia já estavam adaptadas às mudanças do clima. O processo de colonização do pensamento nos (des)adaptou, e agora o desafio não é apenas de adaptação, mas de readaptação. Sabemos que houve saberes e práticas que funcionaram no passado, e o que precisamos agora é resgatar esse conhecimento — um saber que não servirá apenas para nós, mas para toda a humanidade.” Lucas Nassar, Lab Cidade

“A inteligência coletiva que vem das periferias, das quebradas e das comunidades tradicionais precisa ser reconhecida como parte da solução climática. Não fomos nós que produzimos esse caos, mas somos nós que podemos construir esperança e saídas para ele.” Lennon Medeiros, Visão Coop

“A juventude não pode ser chamada apenas para mobilizar os territórios; ela precisa estar na mesa de decisões, construindo as soluções e garantindo um futuro que faça sentido para o nosso território.” Karla Braga, Co-jovem

“A construção de políticas públicas eficazes para a Amazônia exige mobilização social, participação das pessoas dos territórios e o uso de tecnologias e narrativas que aproximem temas complexos da sociedade. Só assim conseguiremos transformar o futuro e proteger as florestas públicas como maior contribuição do Brasil no combate às mudanças climáticas.” Catarina Nefetari, Amazônia de Pé

Dinâmica Aquário

Formato

Dinâmica colaborativa e interativa com representantes da sociedade civil e organizações do terceiro setor, buscando integrar contribuições práticas à agenda da COP 30

Geração cidadã de dados como ferramenta de soberania e incidência política:

A geração cidadã de dados foi apresentada como instrumento central para fortalecer a soberania dos territórios e permitir que comunidades periféricas e tradicionais influenciam políticas públicas e processos de adaptação climática. Esse processo amplia a capacidade das populações de construir diagnósticos sociais e ambientais que dialogam com dados oficiais, conectando saberes locais e conhecimento científico. Além disso, reforça a disputa por narrativas em um cenário dominado por grandes corporações de tecnologia.

Desigualdade no acesso à tecnologia e barreiras à implementação nas comunidades:

As falas destacaram o abismo entre o desenvolvimento tecnológico e sua aplicação prática nas comunidades de base. Muitas soluções tecnológicas discutidas em eventos nacionais e internacionais não chegam à ponta, seja por falta de infraestrutura, financiamento ou adequação cultural e territorial. Há uma necessidade urgente de descentralizar recursos, democratizar o uso das tecnologias e garantir o protagonismo de organizações e coletivos locais na criação e implementação dessas soluções.

Financiamento e participação social como eixos da transformação climática:

O financiamento foi apontado como componente essencial para que as tecnologias sociais e comunitárias saiam do papel e promovam mudanças reais nos territórios. O atual modelo de fomento, marcado pela burocracia e pela centralização, limita o acesso de organizações de base, jovens e povos tradicionais. Para enfrentar a crise climática, é fundamental direcionar recursos públicos e privados para iniciativas

locais e desenvolver mecanismos que ampliem a participação social nos processos decisórios e no controle sobre o uso desses recursos.

Mobilização e inteligência coletiva como base para soluções estruturantes:

A força dos mutirões e de outras formas de ação coletiva foi reiterada como estratégia de enfrentamento à crise climática. As experiências apresentadas evidenciaram que soluções criadas a partir da escuta das comunidades e do trabalho conjunto entre diferentes atores são mais eficazes, resilientes e duradouras. Essa inteligência coletiva precisa ser fortalecida e sistematizada como política pública, garantindo escala e sustentabilidade às iniciativas locais.

Comunicação inclusiva:

A comunicação foi indicada como ferramenta estratégica para mobilizar e engajar a sociedade na agenda climática e na preparação para a COP 30. Destacou-se a necessidade de adaptar a linguagem ao contexto local, trazendo o histórico dos territórios e provocando senso de pertencimento.

Protagonismo local e estratégias de mobilização para a COP 30:

Foi ressaltada a importância de trazer lideranças locais para o protagonismo, garantir sua participação efetiva nos debates e decisões. Os eventos paralelos foram apontados como protagonistas na incidência política, com capacidade de gerar impacto no plano internacional, nacional e quanto no local. Destacou-se a necessidade de um mapeamento das ações e temas que serão discutidos, como forma de centralizar a comunicação e permitir que os movimentos sociais e comunidades tenham clareza sobre como e onde incidir.

Preocupações levantadas:

A falta de preparo para garantir a segurança dos dados compartilhados e o uso responsável das tecnologias empregadas na mobilização. O risco de exposição inadequada de informações no cenário internacional foi apontado como desafio crítico, com necessidade de ações urgentes para assegurar a proteção e soberania informacional das comunidades e organizações envolvidas. Desarticulação dos ecossistemas de inovação.

Fortalecimento dos ecossistemas de inovação e redes colaborativas:

Para soluções climáticas eficazes é necessário o mapeamento de iniciativas locais e a documentação dos impactos dessas soluções, permitindo sistematizar e identificar boas práticas. A partir desse diagnóstico, propôs-se a construção de redes colaborativas envolvendo poder público, universidades, terceiro setor, setor privado e atores subnacionais.

Código aberto e espaços multissetoriais como alicerces para inovação climática inclusiva:

A construção de soluções em código aberto foi destacada como estratégia essencial para garantir transparência, inclusão e compartilhamento de conhecimento na busca por respostas às mudanças climáticas. O uso de tecnologias abertas permite que comunidades, organizações e governos adaptem, repliquem e aprimorem soluções de acordo com as especificidades de seus territórios.

Cases compartilhados

Decodifica – Geração Cidadã de Dados para Incidência Territorial

Atua em periferias do Brasil promovendo a produção comunitária de dados para denunciar impactos climáticos e sociais, como enchentes e violência policial.

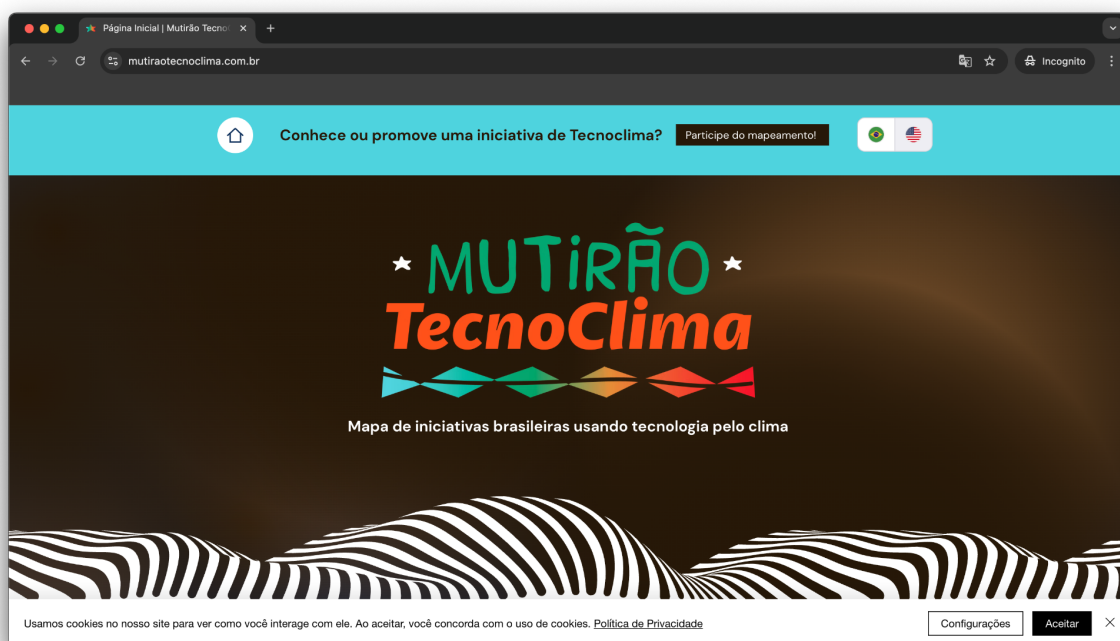
Palmares Laboratório-Ação

Um laboratório na cidade-floresta. Com foco nas Juventudes do Norte-Nordeste criando tecnologias de justiça socioambiental e climática.

Correio Sabiá – Combate à Desinformação Climática por Comunidades Digitais

O jornal nativo do WhatsApp combate a desinformação climática por meio da construção de comunidades de confiança e da difusão de informações verificadas em linguagem acessível.

Participe do projeto!



Conheça o site **Mutirão TecnoClima** e contribua com o mapeamento de iniciativas brasileiras que usam tecnologia pelo clima.

Escaneie o QR-Code ou acesse
mutiraotecnoclima.com.br

